

Texto publicado em:

Silva, Francisco; Ramalhete, Filipa. (2016). Associativismo, Identidade e Território no Concelho de Almada. In Marques, Carlos Almeida (coord.) *Planeamento Cultural Urbano em Áreas Metropolitanas*. Lisboa, Caleidoscópio. ISBN: 9789896583279. DOI: <https://doi.org/10.30618/978-989-658-586-0>

Associativismo, Identidade e Território no Concelho de Almada

Francisco Silva
CAA
Filipa Ramalhete
CEACT/UAL e e-GEO/FCSH

Apresentação

No concelho de Almada o tema Associativismo tem sido abordado em vários estudos, artigos e monografias, em parte devido ao estatuto de “Capital do Associativismo” atribuído a Almada por José Malheiro¹. A comunicação que se apresenta resulta da análise de um conjunto de dados recolhidos no âmbito de dois projetos de investigação desenvolvidos pelo Centro de Arqueologia de Almada (CAA) tendo como objeto de análise a origem e evolução do movimento associativo nas freguesias da Caparica e Laranjeiro, ambas localizadas no concelho de Almada.

A primeira investigação desenvolvida pretendeu analisar o fenómeno Associativismo incidindo sobre uma circunscrição territorial restrita à freguesia da Caparica. A pesquisa iniciou-se em 2008, com o objetivo de produzir uma exposição itinerante acerca do movimento associativo naquela localidade, a qual ficou concluída em 2009 com o título ***Coletividades da Caparica***. Contudo, a quantidade e interesse da informação recolhida, dificilmente se poderia incluir no projeto expositivo. A autarquia caparicana entendeu então propor ao CAA o desenvolvimento de uma publicação que abordasse as origens e evolução do movimento associativo na Caparica. Dessa intenção resultou, em 2011, a edição da monografia *Associativismo na Caparica*, na qual se procurou abordar o tema, de forma mais aprofundada e sistemática.

Em 2010, o CAA iniciou, com o apoio da Junta de Freguesia do Laranjeiro, um projeto semelhante. A possibilidade de utilizar uma metodologia idêntica para tratar do mesmo tema em duas freguesias com realidades históricas e sociais distintas, permitiu obter um conjunto de dados, que, apesar de parciais, possibilitam acentuar alguns contrastes e refletir acerca da relação entre o papel das associações no contexto da história local e as respostas às questões de gestão do território.

¹José Malheiro, *Associativismo Popular Originalidade do Povo Português*, Câmara Municipal de Almada, Almada, 1996.

Enquadramento histórico e geográfico

A presença cultural de sociedades que, ao longo de muitos séculos, povoaram e habitaram o território na margem esquerda do estuário do Tejo reflete necessariamente a sua relação com a paisagem e situação geográfica, marcada de forma inexorável pela foz do maior rio da Península Ibérica e pelo Oceano Atlântico. No extremo do continente europeu, é ponto de chegada e de partida de povos, influências, recursos naturais, alimentos e produtos transformados. À abundância da produção agrícola, silvícola e piscícola que caracterizou a região até ao século XIX, sucede o implemento das “revoluções” industrial e liberal, atraindo a Almada muitos milhares de habitantes que passam a partilhar os espaços e as vivências locais marcadas por um sentido de autonomia que remonta aos primórdios da nacionalidade patentes nos forais medievais concedidos ao concelho.

As transformações no território, ocorridas na região durante o século XIX, vão acentuar um sentido de urbanidade, cuja expressão mais evidente se irá observar principalmente a nível social, através da proletarização, e de forma menos evidente ao nível da paisagem. Para lá das zonas ribeirinhas de Cacilhas e Cova da Piedade, onde se vão concentrar as principais unidades industriais transformadoras, a paisagem do concelho de Almada continuava a ser predominantemente rural. A concentração de trabalhadores assalariados em condições de trabalho precárias e sujeitas a imposições patronais próprias dos alvares da industrialização, no contexto sociopolítico que marcou o final do século XIX e as primeiras décadas do século XX, favoreceram o aparecimento das associações de classe profissional com fins mutualistas. Paralelamente, o ideário liberal promovia a instrução pública, enquanto forma de emancipação face ao domínio das classes dirigentes.

Num segundo momento, que corresponderá grosso modo aos meados do século XX, ocorre uma segunda fase do desenvolvimento industrial do concelho de Almada, marcado pela instalação do Arsenal da Marinha na Quinta do Alfeite e da Lisnave na praia da Margueira. Nesta época, observa-se a expansão urbana nas periferias de Almada e Cova da Piedade, para áreas até então maioritariamente ocupadas por pinhais, dada a fraca rentabilidade agrícola dos solos e conseqüentemente menos valorizadas do ponto de vista fundiário e mais acessíveis à especulação.

Em termos históricos, a freguesia da Caparica, fundada no século XV, ocupando a maior extensão de território do atual concelho de Almada, abrangia as áreas com os solos mais férteis da região. Caracterizada por uma acentuada divisão da propriedade assente em quintas casais e terras foreiras, abrangia grande parte da zona norte do concelho de Almada, limitada pela arriba que margina o Tejo e onde, embora com um povoamento disperso, espalhada por diversas povoações ligadas entre si por caminhos e azinhagas, residia a maioria da população concelhia. Contudo, ainda que habitando no interior rural, muitas dessas famílias viviam dos salários provenientes do trabalho nas fábricas, oficinas e ofícios manufactureiros.

Quanto à freguesia do Laranjeiro, trata-se de uma das mais recentes divisões administrativas no concelho de Almada. Criada em 1985, o seu território será dividido em 1994 com o estabelecimento da freguesia do Feijó. A criação de ambas as freguesias resulta naturalmente do aumento populacional observado a partir da segunda metade do século passado. Em resposta à necessidade de adaptar o parque habitacional às necessidades crescentes, durante a

década de setenta o crescimento urbano vai-se desenvolvendo ao longo da Estrada Nacional 10, limitada a este pelo perímetro da Base Militar do Alfeite, com uma malha urbana de baixa e média densidade, a par de largas áreas de bairros de lata degradados e construções de génese ilegal. A resposta à necessidade de realojar e aumentar a oferta de habitação a custos controlados vai gerar uma malha urbana de densa, composta em parte por habitação social. O tecido social da freguesia do Laranjeiro, aliado à sua localização geográfica periférica face à sede do concelho, acentua o seu carácter suburbano.

Se nos contextos urbanos da vila de Almada, da Cova da Piedade e Cacilhas os movimentos ligados ao associativismo estão claramente enquadrados e até estudados, será o nosso objetivo analisar e interpretar o impacto desse fenómeno nas áreas rurais e suburbanas do concelho de Almada. Para tal tomamos como referência duas freguesias que enquadram respetivamente ambos os contextos: a freguesia da Caparica marcadamente rural e a freguesia do Laranjeiro claramente enquadrável na tipologia suburbana.

Metodologia

Os dados que nos propomos analisar foram recolhidos no âmbito dos dois projetos de investigação, acima referidos, aplicando em ambos a mesma metodologia. Tendo como ponto de partida as listagens de associações, fornecida pelas respetivas juntas de freguesia, a pesquisa desenvolveu-se através das seguintes etapas:

- Inquéritos distribuídos às coletividades
- Entrevistas aos dirigentes associativos
- Recolha, registo e tratamento de informação documental na posse das coletividades
- Pesquisa bibliográfica

Não sendo viável realizar de forma sistemática a aplicação de todas as etapas na totalidade das associações identificadas no limite administrativo atual de cada freguesia, quer porque algumas delas já não existiam, ou por impossibilidade em virtude dos prazos definidos, foi contudo possível obter um quadro de referência no qual se incluem todas as organizações que foi possível identificar em pelo menos uma das etapas referidas. Procurou-se ainda apurar as datas de fundação e caracterizar, ainda que de forma genérica, a tipologia de cada associação em função do seu objetivo social. A dinâmica própria do fenómeno em análise levou ainda a classificar as associações em função de se manterem ou não ativas à data da recolha dos dados. Procurando fazer uma análise abrangente, a referência à designação de cada associação em particular remete para as tabelas onde estão mencionadas todas as coletividades consideradas no presente estudo.

O movimento associativo génese e evolução

Para enquadrar a análise que nos propomos desenvolver sobre as realidades sociais na Caparica e Laranjeiro, socorremo-nos da proposta de sistematização apresentada por Carlos Abreu para caracterizar a evolução do movimento associativo de Almada, baseada na divisão por períodos

cronológicos: Gênesis e Formação (1848 a 1930), Resistência Associativa (1930 a 1960), Transformação do Associativismo (1960 a 1974),² a estes períodos acrescentamos um quarto correspondente ao período que decorre de abril de 1974 a 2010 que identificamos como Associativismo em Democracia. Seguidamente analisaremos, separadamente, de forma resumida as várias fases de desenvolvimento do movimento associativo nas freguesias da Caparica e Laranjeiro.

Associativismo na Caparica

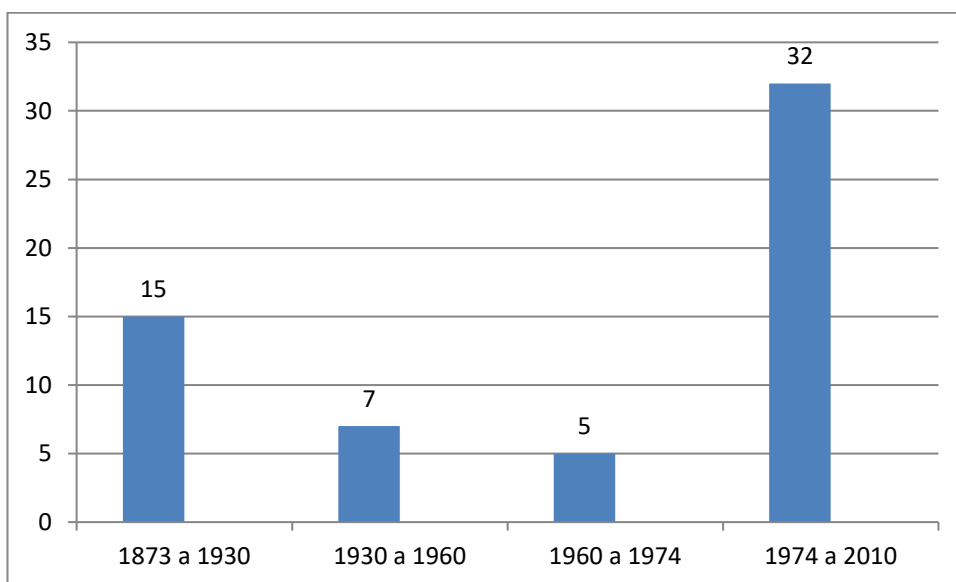


Gráfico 1 - Coletividades fundadas na Caparica

As primeiras associações que foram criadas na Caparica durante a segunda metade do século XIX, como o Montepio da Nossa Senhora do Monte da Caparica ou a Real Fanfarrã do Porto Brandão, refletiam os valores liberais consubstanciados no apoio social através dos montepios e da instrução através do ensino e prática musical, demonstrando a presença de indivíduos capazes de se juntar em torno de um objetivo e bem comum. Das iniciativas promovidas pelas associações resultava a melhoria das condições de vida dos associados, ao nível material mas também intelectual, promovendo hábitos de sociabilidade em ambientes diferentes das tabernas. A música, o teatro, as récitas e os bailes proporcionam a todos os que nela participam espaços de convivalidade e lazer até então apenas ao alcance das classes sociais mais abastadas. A prática do desporto não é ainda considerada necessária. Sendo que exercício físico seria algo a que a maioria dos membros das associações estaria quotidianamente habituado, as atividades recreativas, culturais e de apoio social corresponderiam então às principais necessidades sentidas.

² Carlos Abreu, Francisco Branco, *O Associativismo Tradição e Arte do Povo de Almada*, Câmara Municipal de Almada, 1984.

Após a implantação da República, em 1910, e até 1930, surgem oito novas coletividades na Caparica. Entre estas novas sociedades, a partir da década de vinte, encontram-se algumas que vão incluir o desporto no leque das atividades promovidas, com destaque para o futebol.

No período que decorre entre 1930 e 1960, foram fundadas na Caparica sete coletividades. Contudo, interessa observar que até 1933 são criadas três associações: uma cooperativa de consumo, uma coletividade de cultura e recreio e uma associação desportiva. Durante o intervalo cronológico entre 1934 e 1950 não se encontram registos de criação de novas associações na Caparica. A consolidação do regime político do Estado Novo implicava diretamente na promoção de iniciativas populares, as quais estavam sujeitas a autorização pelo Governo Civil. Esta situação não só dificultava a criação de novas associações como limitava a atividade das coletividades. Os bailes, por exemplo, eram uma das iniciativas mais populares, promovidas pelas associações locais. Para além de constituírem momentos de convívio social marcantes na vida dos associados, representavam muitas vezes a única fonte de rendimento de que as sociedades recreativas dispunham para pagar as despesas, nomeadamente a renda das instalações. Nesse sentido, justifica-se a designação de Resistência Associativa atribuída a esta etapa da evolução do associativismo. Visto que, a par de se manter ativo, o movimento associativo na Caparica regista, a partir da década de cinquenta do século XX, um aumento em número, com a criação de quatro novas agremiações e uma obra social. Quanto a estas novas coletividades, importa realçar que terão surgido como forma de responder às necessidades encontradas em áreas da freguesia onde se terá observado um aumento populacional, nomeadamente no Porto Brandão, Fonte Santa, na Banática e no Raposo.

Durante o período que decorre desde 1960 até abril de 1974, os programas de ação das novas associações entretanto criadas, bem como de algumas das já instaladas, denotam aquilo a que se chamou Transformação do Associativismo. Observa-se então que o desporto vai ser enquadrado no trabalho das associações, na busca de uma maior oferta de modalidades desportivas. Observa-se inclusive alguma “especialização” no sentido de atrair novos associados. Algumas associações vão investir na formação de equipas de competição ao nível das artes marciais, boxe, ginástica, atletismo ou tiro entre outras. Estas iniciativas manifestam a necessidade de inovar nas respostas aos anseios das populações.

A partir do momento em que as formas de entretenimento e fruição cultural se tornam mais individualizadas, principalmente com a “democratização” do aparelho de televisão que passa das sedes das coletividades para as habitações familiares, o espaço associativo vai perdendo importância enquanto lugar de convivialidade. A oferta de novas possibilidades e experiências individuais, através de modalidades desportivas até então inacessíveis para a maioria da população, vai contribuir para garantir os meios necessários, embora escassos, que viabilizam a continuidade do movimento associativo da Caparica até 1974.

Após a revolução de 25 de Abril de 1974, a vivência democrática até então experienciada, na organização interna das associações, irrompe para a sociedade, através dos dirigentes associativos que vão integrar os novos órgãos do poder local, ao passo que as coletividades passam a privilegiar atividades e iniciativas destinadas à população em geral e não apenas aos seus associados. Neste âmbito destacam-se as comissões de moradores, das quais na Caparica chegaram a existir oito. Entre 1974 e 2010 foram criadas na freguesia trinta e cinco novas

associações, algumas das quais de existência efémera como a Cooperativa de Consumo o Teu Futuro ou a Associação Cultural do Porto Brandão. Às áreas de intervenção até então desenvolvidas acrescem as iniciativas de apoio à infância e de solidariedade social. Estas novas valências protagonizadas pelas associações emergentes procuram, mais uma vez, dar respostas a necessidades concretas, entre as quais as sentidas a partir da década de oitenta pelos milhares de novos habitantes dos bairros construídos no âmbito do Plano Integrado de Almada. Assim, as cooperativas de habitação que vão construir na Caparica complexos habitacionais onde, por sua vez, surgem algumas das associações de moradores que ainda mantêm atividade regular.

Associativismo no Laranjeiro

Conforme se apreende pelo gráfico e quadro referente à freguesia do Laranjeiro, a história do movimento associativo no seu território é relativamente recente. Nesse sentido, a divisão por períodos cronológicos proposta reporta-se apenas aos três últimos períodos respetivamente Resistência Associativa (1930 e 1960), Transformação do Associativismo (1960 a 1974) e Associativismo em Democracia (1974 a 2010).

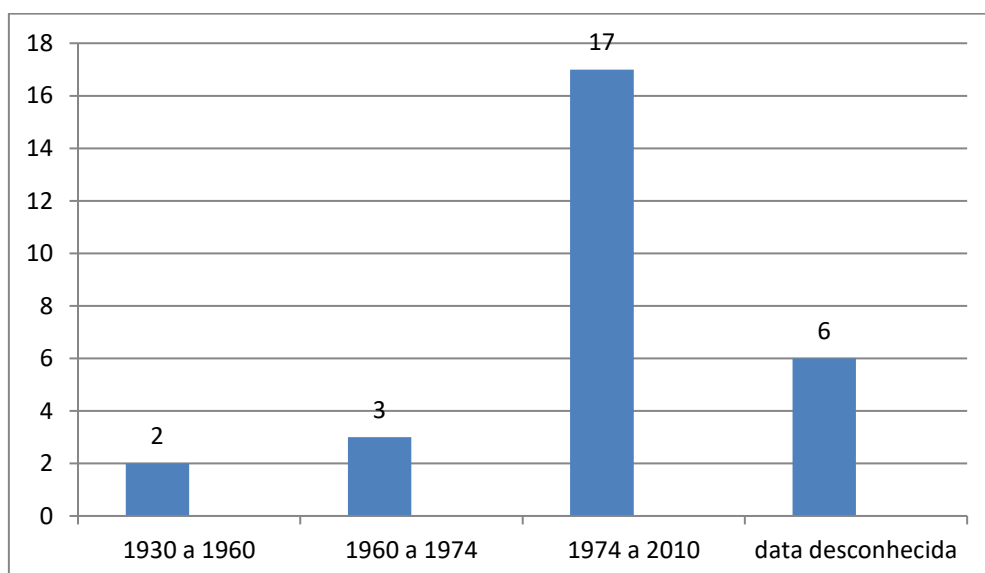


Gráfico 2 - Coletividades fundadas no Laranjeiro

A primeira coletividade fundada no Laranjeiro data de 1936 (CIRL - Clube de Instrução e Recreio do Laranjeiro), surge da necessidade da população desenvolver atividades recreativas, à semelhança do que acontecia já em Almada ou na Cova da Piedade, assim como em outras localidades do concelho, onde existiam coletividades nas quais se organizavam aos domingos bailes e outros eventos. À distância e à ausência de meios de transporte, que dificultava as deslocamentos do Laranjeiro para outras localidades, crescia o sentimento “bairrista” que então caracterizava as rivalidades entre as povoações do concelho de Almada. A coletividade surge da iniciativa de alguns moradores, entre os quais se encontrava um construtor civil, comerciantes, proprietários, mas também funcionários e operários.³ O empenho dos fundadores e a

³ Alexandre Castanheira, *CIRL Clube de Instrução e Recreio do Laranjeiro 1936-1939*, CIRL, 1989.

participação dos sócios permitiu a aquisição de terreno e a instalação de uma praça de touros, inaugurada em 1939. Daí em diante, o Clube do Laranjeiro, através da construção de uma sede na zona central da localidade, onde dinamiza diversas atividades culturais e desportivas, vai rivalizar com as mais “importantes” coletividades da vila de Almada e Cova da Piedade.

A criação e a evolução desta coletividade permitem constatar que a mesma se enquadra social e espacialmente num contexto de urbanidade, completamente diverso do que se encontrava na Caparica, onde ainda atualmente se conservam marcas da paisagem rural. Curiosamente, a segunda associação fundada no Laranjeiro durante este período, em 1951, é o clube de futebol “*Os Celtas*” do Rato, sediado no bairro com o mesmo nome, um aglomerado populacional de génese ilegal que se instalou ao longo do muro do Arsenal do Alfeite, revelando um contexto social diferente daquele que esteve na origem do CIRL, e que poderemos classificar como suburbano.

Durante o período que decorre entre 1960 e 1974, surgem no Laranjeiro três clubes ligados à prática desportiva e ao futebol em particular. A partir de 1974 porém, seguindo a tendência já identificada na Caparica, observa-se um aumento acentuado no surgimento de novas associações. Até 2010, foram criadas na freguesia dezasseis coletividades; foram ainda identificadas seis associações acerca das quais não foi possível saber a data de fundação.

Uma das situações que importa ressaltar consiste no facto de estarem sedeadas ou com delegações locais no Laranjeiro quatro associações de carácter nacional, como por exemplo a Associação Portuguesa de Deficientes, que se dedicam principalmente ao apoio social. Esta realidade poderá estar relacionada com a ligação dos dirigentes ao concelho de Almada, o apoio concedido pelas autarquias locais ao movimento associativo e a existência de espaços disponíveis para a instalação das sedes ou delegações.

Focando a nossa atenção ainda no período que decorre de 1974 a 2010, devemos ter em consideração que este corresponde, principalmente durante as décadas de oitenta e noventa, a uma fase em que a freguesia do Laranjeiro foi a zona do concelho de Almada com maior crescimento, não só em área mas também em densidade, aspeto do qual não podemos dissociar o tecido social multiétnico e as respetivas necessidades sentidas pelos vários setores da população.

Após termos abordado aquelas que consideramos serem as principais vertentes da evolução do movimento associativo nas freguesias de Caparica e Laranjeiro iremos seguidamente refletir acerca das dinâmicas associativas e em que medida estas refletem a sociedade e interação com o território.

Objetivos e Dinâmicas Associativas

Enquanto expressão dos anseios e necessidades gerados no seio da comunidade, o associativismo é uma realidade dinâmica, em constante transformação e adaptação. A relação de dependência ou independência relativamente aos poderes instituídos pode cercear ou apoiar as possibilidades de desenvolvimento, ou, por outro lado, fomentar a coesão dentro das organizações como forma de afirmação de cumprimento dos objetivos.

A sobrevivência das associações depende, portanto, das capacidades dos seus membros para captar sinergias e identificar antecipadamente, face ao Estado, as necessidades e carências sentidas no meio ou nos contextos sociais ou profissionais onde se encontram implantadas. Uma vez definidos os objetivos, o capital decisivo para a sua concretização é necessariamente o humano, do qual depende sempre a obtenção dos recursos necessários para a concretização dos projetos.

Tendo em consideração os aspetos acima enunciados, as organizações associativas têm dinâmicas de criação, desenvolvimento, continuidade, estagnação e extinção. Daí que, enquanto algumas se tornam centenárias, outras se extinguem por incapacidade de ultrapassar as muitas dificuldades e vicissitudes com as quais as se debatem. O trabalho associativo é, em grande medida, assente no voluntariado, os recursos a gerir são geralmente escassos e muitas vezes os encargos assumidos com equipamentos e instalações ultrapassam as capacidades instaladas. Não cabe nesta abordagem uma análise às problemáticas orgânicas do associativismo. Interessa, sim, observar como em ambos os casos estudados ocorrem dinâmicas de fundação e extinção das associações. Em que medida os objetivos/áreas de intervenção de cada uma, se relacionam com o espaço onde exercem a sua atividade? Como se enquadram face aos contextos sociais e territoriais, adaptando-se à sua evolução histórica?

Procurando compreender as diferentes linhas de evolução do movimento associativo nestas duas freguesias, passaremos a definir as principais áreas de intervenção abrangidas pelas coletividades em cada caso.

Consideraram-se as áreas de intervenção de cada associação em função das designações adotadas, dos principais objetivos definidos e prosseguidos por cada coletividade, apesar de em alguns casos os mesmos não estarem claramente identificados e/ou sujeitos a alterações ao longo da sua existência.

Assim, consideraram-se coletividades de Cultura e Recreio as que se enquadram num modelo tradicional do associativismo, promovendo atividades diversas de âmbito alargado desde bailes, espetáculos musicais e dramáticos a par de jogos e formação em modalidades desportivas.

As Comissões de Moradores são aquelas criadas com o objetivo de defender os interesses de determinadas populações nomeadamente na criação e construção de infraestruturas no período que se seguiu à revolução de 1974. As que se mantêm ativas evoluíram para um modelo associativo centrado na promoção espaços de convívio e de atividades lúdicas e desportivas.

As Cooperativas e as associações de classe profissional enquadram um tipo de intervenção ligada ao consumo e associações laborais ligadas a determinada área profissional ou empresa. As coletividades cujo principal objetivo passa pela prática do desporto, consideraram-se Desportivas, ao passo que as coletividades centradas no ensino e prática musical se definem como Musicais.

Por fim, consideraram-se associações de Apoio Social as que centram a sua ação em torno da formação, do apoio às crianças, jovens e idosos, como através do apoio a minorias étnicas, portadores de deficiência ou doença.

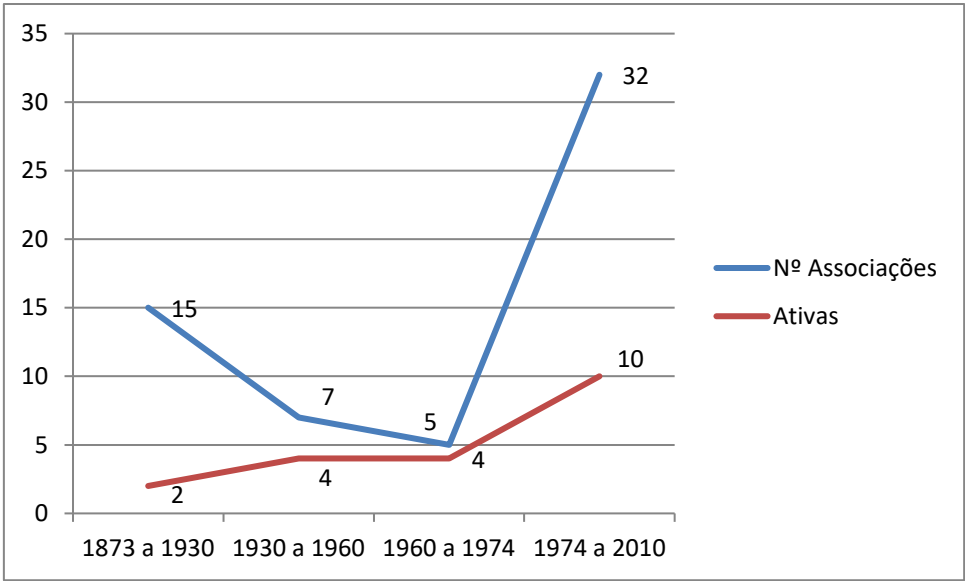


Gráfico 3 - Evolução cronológica do associativismo na Caparica

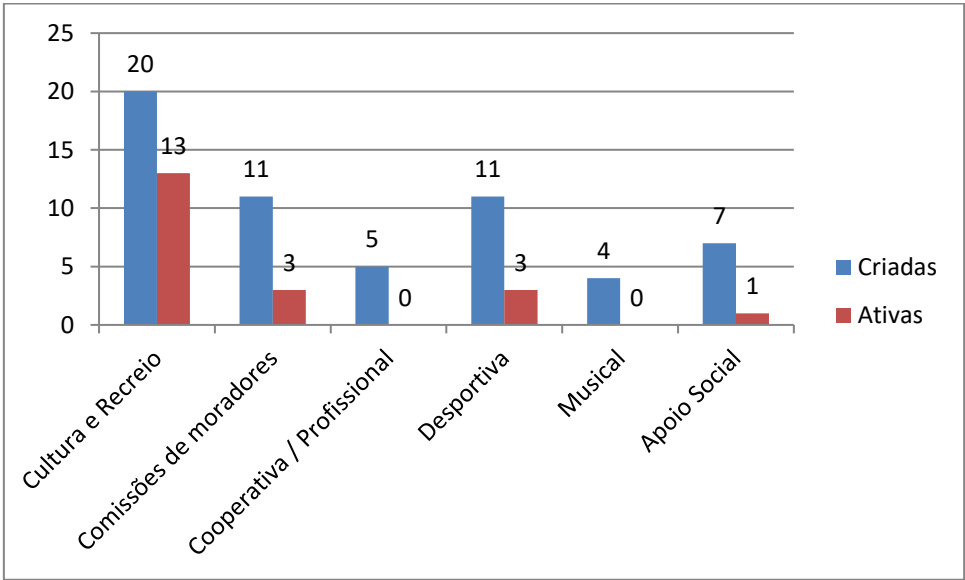


Gráfico 4 - Coletividades da Caparica por Área

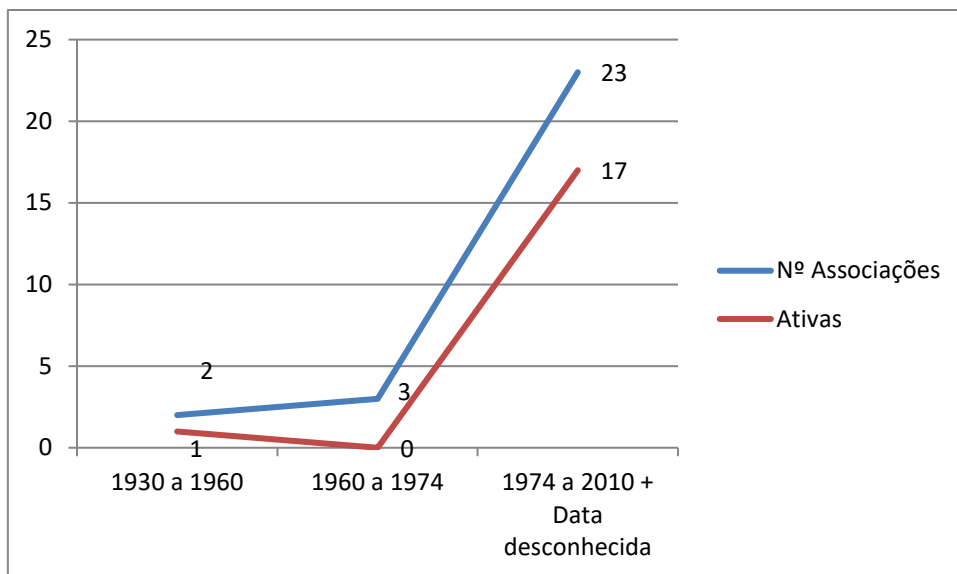


Gráfico 5 - Evolução cronológica do associativismo no Laranjeiro

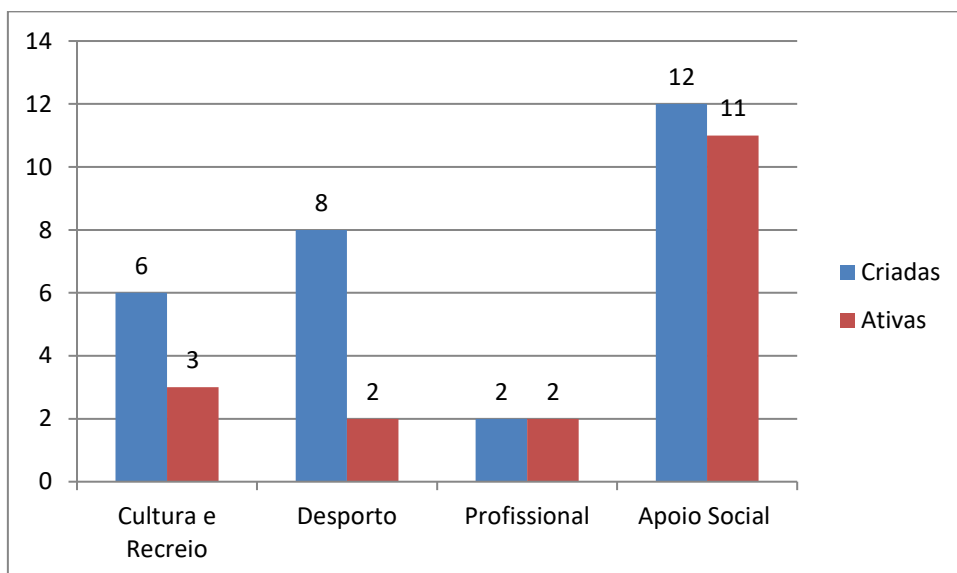


Gráfico 6 - Coletividades do Laranjeiro por Área

Cruzando os dados obtidos para ambas as freguesias relativamente às dinâmicas de fundação e extinção de coletividades, observa-se, para o período de Génese e Formação que, na Caparica, das quinze associações surgidas entre 1873 e 1930 duas delas ainda mantêm atividade. Em ambos os casos são coletividades de Cultura e Recreio, sedeadas em duas das mais antigas povoações da freguesia, respetivamente: o Clube Recreativo União e Capricho no Monte de Caparica e a Sociedade Educação e Recreio de Vila Nova da Caparica.

Das duas associações fundadas no Laranjeiro no período designado de Resistência Associativa (1930 a 1960), apenas o Clube Recreativo do Laranjeiro se mantém em atividade. Na Caparica, no mesmo espaço de tempo, das sete associações fundadas, encontram-se ativas quatro.

Durante o período que decorre de 1960 a 1974, identificado como de Transformação do Associativismo, foram criadas na Caparica quatro associações das quais três (entre as quais o Agrupamento 54 do Corpo Nacional de Escuteiros) se encontram ativas. No Laranjeiro, nenhuma das três associações fundadas nesse período se manteve até à atualidade.

Relativamente à evolução do movimento associativo durante os trinta e seis anos de vivência democrática entre 1974 e 2010, são criadas na Caparica trinta e duas novas associações, das quais dez mantêm funcionamento regular. Paralelamente, no Laranjeiro as dezassete associações fundadas no mesmo período mantêm-se em atividade; a estas juntam-se ainda quatro associações das seis às quais não foi possível atribuir uma data de fundação.

Podemos assim constatar que embora com maior número de associações e uma tradição fortemente implantada do movimento associativo, apenas 34% das coletividades fundadas na Caparica se mantinham com atividade regular em 2010. Ao passo que na freguesia do Laranjeiro a percentagem de coletividades em funcionamento está na ordem dos 64%. Para tentar explicar esta diferença apontam-se alguns aspetos:

O tecido social e o enquadramento histórico da Caparica caracterizam um território onde a dispersão populacional por diversos aglomerados bastante antigos desenvolve identidades próprias em cada comunidade. O sentido de pertença a determinado lugar terá estado, em grande medida, na origem da criação das coletividades. Curiosamente, tratando-se de um meio rural caracterizado pelas dinâmicas económicas e sociais, baseadas em laços de parentesco e vizinhança, os habitantes da Caparica possuíam uma consciência de classe marcada pelas vivências do operariado. Nesse sentido transpuseram para os locais onde habitavam os modelos de organização associativa que encontravam nos meios urbanos e com os quais se identificavam ideologicamente. Por outro lado, em virtude das rivalidades próprias existentes entre pequenas povoações rurais e das clivagens sociais do próprio meio, dificilmente se criavam sinergias que possibilitassem a coexistência na mesma associação de diferentes comunidades, ainda que vizinhas e prosseguindo objetivos comuns.

Nessa medida, podemos considerar que a dispersão de recursos humanos e materiais envolvidos no movimento associativo da Caparica; a falta de instalações; a dificuldade em dar resposta às transformações sociais e a concorrência do setor privado em algumas das áreas de intervenção do movimento associativo reduziram o número de associações ativas face ao total das coletividades que foram fundadas. Constata-se contudo que ao longo do período analisado houve o número de associações que se mantêm em atividade, embora baixo, apresenta uma evolução positiva em grande parte assente na continuidade das associações de Cultura e Recreio e numa prática associativa enquadrada em moldes tradicionais e suportada por algumas das coletividades mais antigas

Apesar de se integrar no mesmo município e a uma distância relativamente reduzida, a freguesia do Laranjeiro caracteriza-se por uma evolução histórica muito diversa da da Caparica. No Laranjeiro, a paisagem rural era dominada por extensas áreas de pinhal e charneca e a maioria das propriedades rurais estava integrada nas “Sete Quintas do Alfeite”, propriedade da Casa do Infantado, que ocupava uma grande extensão de território. Por essas razões é provável que, até à primeira metade do século XX, no lugar do Laranjeiro, localizado em torno da estrada que ligava Cacilhas ao Sul do país, a população residente não atingisse a centena de habitantes. A

instalação do Arsenal da Marinha na Quinta do Alfeite, iniciada em 1931, atraiu novos residentes, num primeiro momento mão de obra para a construção, e seguidamente os militares e funcionários civis. Quando, na década de sessenta, se inicia a instalação do Estaleiro Naval da Lisnave (1961) e se abre ao trânsito a ponte sobre o Tejo, é no Laranjeiro que a expansão urbana do concelho de Almada tem maior expressão, tornando-se a freguesia com maior densidade populacional, diversidade cultural e étnica, acentuada pelo processo de descolonização que acontece a partir de 1974.

Na atualidade, a par da densidade populacional mais elevada, a freguesia do Laranjeiro apresenta a média etária mais jovem do concelho de Almada. Nessa medida a evolução do movimento associativo vai refletir o crescimento e transformação do território no sentido de procurar responder em primeira mão às necessidades sentidas pelas comunidades através da prestação de serviços na área social. Explica-se assim em parte a evolução do movimento associativo no Laranjeiro, pois o crescimento que se observa a partir da década de setenta do século XX corresponde quase em paralelo ao número de associações ativas que na sua maioria se enquadram na área do Apoio Social, dando assim resposta às necessidades do tecido social e económico existente, ao passo que o associativismo mais tradicional apresenta uma menor expressão em termos locais.

Conclusão

A partir da análise apresentada considera-se possível estabelecer relações entre o território e a forma como o movimento associativo, enquanto expressão das aspirações e necessidades das populações, reflete a história e a identidade própria dos espaços rurais e suburbanos, nas freguesias de Caparica e Laranjeiro.

Assim como a evolução histórica do concelho de Almada se relaciona diretamente com a sua localização geográfica, também as diferentes paisagens que caracterizam o território geraram formas diversas de ocupação. Nesse sentido constata-se até ao século XX uma clara diferenciação entre o espaço urbano, reduzido à vila de Almada, com fraca densidade populacional, e a área rural onde habitava a maioria da população, embora circunscrita à zona norte do concelho.

Constata-se ainda que, apesar da alteração de setor de atividade predominante, que se opera a partir do século XIX no concelho de Almada, que resulta da chegada de novos habitantes, que vão constituir a mão de obra responsável pelo arranque da industrialização no concelho, conduz à transformação das dinâmicas sociais mantendo contudo a diferenciação entre espaço urbano e rural até à primeira metade do século XX.

Através da caracterização do movimento associativo, podemos observar que o fenómeno da suburbanidade que ocorre no concelho de Almada se centra na freguesia do Laranjeiro a partir da década de trinta do século XX associado principalmente aos seguintes fatores: construção do Arsenal da Marinha (1931); instalação do Estaleiro da Lisnave (1961); inauguração da Ponte sobre o Tejo (1966); descolonização (1974).

O estudo do movimento associativo constitui uma base de investigação que permite compreender um conjunto de fenómenos sociais e os seus impactos no território, e dessa forma, avaliar a importância das organizações não-governamentais na busca de soluções e respostas às necessidades sentidas pelas populações.

Bibliografia

AAVV, *Associativismo e Cidadania Exposição sobre o Movimento Associativo em Almada*, Museu da Cidade – Câmara Municipal de Almada, 2007.

ABREU, Carlos, BRANCO, Francisco, *O Associativismo Tradição e Arte do Povo de Almada*, Câmara Municipal de Almada, 1984.

FERNANDES, Ernesto, SARMENTO, Joaquim, «Associativismo Almadense Património ou Novo Movimento Social?», in *Anais de Almada*, 2, CMA, 1999, pp.185-194.

MALHEIRO, José, *Associativismo Popular Originalidade do Povo Português*, Câmara Municipal de Almada, Almada, 1996.

RAMOS, António Alberto C. P., *As colectividades de Almada - 1890 / 1910*, Junta de Freguesia de Almada, Almada, 1991.

SILVA, Francisco, *Associativismo na Caparica*, Junta de Freguesia de Caparica, 2011.

SILVA, Francisco, *Clube Recreativo União e Capricho, 100 anos no Coração da Caparica (1911-2011)*, Junta de Freguesia de Caparica, 2011.

Tabelas

Associações da Caparica

Nome	Data	Estado	Área
Tuna Musical Gazul	1873	Inativo	Musical
Filarmónica do Monte de Caparica	1873	Inativo	Musical
Montepio da Nossa Senhora do Monte da Caparica	1890	Inativo	Solidariedade Social
Montepio Caparicano de Nossa Senhora do Rosário	1890	Inativo	Solidariedade Social
Montepio da Nossa Senhora do Cabo do Monte de Caparica	1890	Inativo	Solidariedade Social
Real Fanfara do Porto Brandão / Sociedade Marítima do Porto Brandão	1891	Inativo	Musical
Cooperativa de Consumo da Caparica	1899	Inativo	Cooperativa
Sociedade dos Amadores de Musica Capariquense	1910	Inativo	Musical
Clube Recreativo União e Capricho	1911	Ativo	Cultura e Recreio
Sociedade Educação e Recreio VNC	1914	Ativo	Cultura e Recreio
Sindicato Agrícola da Caparica	1917	Inativo	Cooperativa
Vitória do Porto Brandão	1920	Inativo	Desportiva
Clube Recreativo do Porto Brandão	1921	Inativo	Cultura e Recreio
Cooperativa dos Catraeiros do Porto de Lisboa	1923	Inativo	Cooperativa
Sociedade de Consumo 8 de Dezembro	1930	Inativo	Cooperativa
Sociedade de Recreio e Beneficência do Porto Brandão	1932	Ativo	Cultura e Recreio
Monte de Caparica Atlético Clube	1933	Ativo	Desportiva
Sociedade Columbófila do Porto Brandão	1951	Inativo	Desportiva
Obra Social do Porto Brandão	1959	Inativo	Solidariedade Social
Clube Recreativo "Os Estrelas" da Fonte Santa	1959	Ativo	Cultura e Recreio
Clube Recreativo Desportivo da Banática	1959	Ativo	Cultura e Recreio
CNE Agrup. 54	1963	Ativo	Cultura e Recreio
Clube Recreativo União Raposense	1964	Ativo	Cultura e Recreio
Clube Recreativo de Caparica	1968	Inativo	Cultura e Recreio
Clube Recreativo de Costas de Cão	1968	Ativo	Cultura e Recreio
Grupo Desportivo Recreativo Zip-Zip da Fomega	1969	Ativo	Cultura e Recreio
Sport União da Caparica	1974	Inativo	Desportiva
Creche Popular do Monte (de Caparica por iniciativa dos moradores).	1974	Ativo	Solidariedade Social
Comissão de Moradores do Porto Brandão	1975	Inativo	Comissão de Moradores
Comissão de Moradores Monte de Caparica	1975	Inativo	Comissão de Moradores
Comissão de Moradores Raposo	1975	Inativo	Comissão de Moradores
Comissão de Moradores Fonte Santa	1975	Inativo	Comissão de Moradores
Comissão de Moradores Capuchos	1975	Inativo	Comissão de Moradores
Comissão de Moradores Vila Nova	1975	Inativo	Comissão de Moradores
Comissão de Moradores Banática	1975	Inativo	Comissão de Moradores
Comissão de Moradores Costas de Cão-Pera	1975	Inativo	Comissão de Moradores
Sociedade Cooperativa de Consumo "O Teu Futuro"	1976	Inativo	Cooperativa
Serrado Futebol Clube	1978	Inativo	Desportiva
Clube Recreativo "Os Dragões do Moinho"	1978	Inativo	Cultura e Recreio
Associação Cultural do Porto Brandão	1980	Inativo	Cultura e Recreio
Núcleo de Cicloturismo do Arieiro Caparica	1980	Ativo	Desportiva
Clube Desportivo Solar do Monte de Caparica	1980	Inativo	Desportiva
Vila Nova de Caparica – Acção Cultural e Fomento Desportivo	1980	Inativo	Desportiva
Centro de Convívio Chut 1	1980	Ativo	Comissão de Moradores
Associação de Amigos do Monte de Caparica	1980	Inativo	Cultura e Recreio
Grupo Desportivo Recreativo e Cultural União Esperança PIA	1982	Inativo	Desportiva
Centro de Convívio Cultura e Desporto CHUT 2	1988	Ativo	Cultura e Recreio
Associação Kizomba - Dança Africana (inactiva na década de 2000)	1990	Inativo	Cultura e Recreio
Associação de Reformados Pensionistas e Idosos da Freguesia da Caparica	1990	Inativo	Solidariedade Social
JURE – Jovens Unidos Rumo à Esperança	1990	Inativo	Solidariedade Social
Centro de Artes Orientais	1995	Ativo	Cultura e Recreio
Associação Extra Muros – Associação Cultural para a Cidade	1995	Inativo	Cultura e Recreio
Grupo Desportivo Recreativo da Manobrense	1995	Inativo	Desportiva
Associação de Moradores CHUT/Banática	2004	Ativo	Comissão de Moradores
Associação de Moradores Urb.Filipa d'Água	2004	Ativo	Comissão de Moradores
Associação Cultural Capa Rica	2005	Ativo	Cultura e Recreio
Monte Kapa	2008	Ativo	Desportiva
Clube Peões da Caparica	2010	Ativo	Cultura e Recreio

Associações do Laranjeiro

Nome	Data	Estado	Área
CIRL - Clube de Instrução e Recreio do Laranjeiro	1936	Ativo	Cultura e Recreio
Clube de Futebol "Os Celtas" do Rato	1951	Inativo	Desporto
Clube Recreativo Aguias do Rato	1962	Inativo	Cultura e Recreio
Águias Negras Futebol Clube Laranjeiro	1971	Inativo	Desporto
RFCL - Rebeldes Futebol Clube Laranjeiro	1972	Inativo	Desporto
Atlético Clube Recreativo do Laranjeiro	1974	Inativo	Desporto
Clube Recreativo Unidos Taco a Taco	1975	Inativo	Cultura e Recreio
Cooperativa Mista de Ensino do Laranjeiro	1975	Ativo	Apoio Social
Portão Verde Futebol Clube	1977	Ativo	Desporto
URPICA Centro de Dia	1978	Ativo	Apoio Social
Núcleo Desportivo Juvenil do Laranjeiro	1980	Ativo	Desporto
Núcleo Cultural de Convívio e Recreio do Alfeite	1981	Ativo	Cultura e Recreio
Núcleo de Karaté do Laranjeiro	1983	Inativo	Desporto
ARCAS Associação Recreativa Cultural Almada Sul	1989	Ativo	Cultura e Recreio
Núcleo de Artes Plásticas do Laranjeiro	1989	Inativo	Apoio Social
Ass. Portuguesa Pais e Doentes com Hemoglobinopatias	1992	Ativo	Apoio Social
ASDL Associação de Solidariedade e Desenvolvimento do Laranjeiro	1995	Ativo	Apoio Social
Alma Alentejana	1996	Ativo	Apoio Social
ARPILF Associação Reformados Pensionistas e Idosos Laranjeiro e Feijó	1999	Ativo	Apoio Social
Centro Comunitário de Promoção Social do Laranjeiro/Feijó	2000	Ativo	Apoio Social
AICA Associação dos Imigrantes do Concelho de Almada	2003	Ativo	Apoio Social
Associação Portuguesa de Deficientes	_____	Ativo	Apoio Social
Associação de Serviços Gerais dos Grupos Familiares Al-Anon	_____	Ativo	Apoio Social
Centro de Bem Estar Social do Laranjeiro	_____	Ativo	Apoio Social
Vitória Clube Recreativo do Laranjeiro	_____	Inativo	Cultura e Recreio
Futebol Clube Recreativo os Galifões	_____	Inativo	Desporto
Associação Nacional Militarizados da Marinha	_____	Ativo	Profissional
Casa do Pessoal do Arsenal do Alfeite	2005	Ativo	Profissional